

EMBEDANDO BENJAMIN – PENSAR COM NOVOS GESTOS TECNOLÓGICOS NA CIBERCULTURA

Maria Jacintha Vargas Netto – ProPED/UERJ

Agência Financiadora: CAPES

Stern presenteia Dora com uma imagem. Stefan pergunta: “mamãe, o que vamos dar de presente ao tio Stern por esta imagem?” Dora: “Bom, talvez você queira fazer uma imagem para ele?” “Mas, mamãe, uma imagem por uma imagem, isso não está certo.”¹ (BENJAMIN, 2011, p. 136).

Introdução

O termo *embedar* se origina do verbo da língua inglesa *to embed* que significa introduzir, incorporar, implantar. O neologismo foi difundido em português a partir da utilização de uma funcionalidade do *YouTube* que possibilita ao praticante da rede introduzir em seu *post*, mensagem ou página, com facilidade, qualquer vídeo postado naquele ambiente. O site disponibiliza, com apenas alguns cliques, a possibilidade de incorporar qualquer vídeo daquele ambiente no *Facebook*, *Trumblr*, *Myspace*, *Twitter* etc. Não é preciso ter conhecimento da linguagem de programação para fazê-lo. Na seqüência, outros ambientes da rede, como o *Twitter* ou o *Trumblr* também passaram a disponibilizar semelhantes funcionalidades, já sendo possível *embedar tweets* ou fotos. Que sentidos são produzidos na contemporaneidade a partir destes *gestos tecnológicos* que partilham e incorporam discursos em novos contextos? De que maneiras estes *gestos tecnológicos* vêm reconfigurando as questões de autoria, as de produção dos discursos e as de produção e partilha do conhecimento em nosso tempo? Que conseqüências esses *gestos tecnológicos* vêm provocando para os campos da técnica, da arte, do conhecimento?

Embedar vídeos ou *tweets* tem o sentido de *chamar para si*, de incorporar, trazer para seu próprio corpo. Nesses gestos, e em tantos outros comuns à experiência de fruir e participar das redes on-line, produz-se a expressão desses *fazer meu, tornar semelhante a mim* aquela imagem de um outro. Ou, em movimento semelhante, contrapor-se e confrontar-se a um discurso, trazendo-o para um novo contexto. Essa Imagem-cópia não é o próprio outro, mas também não é apenas a minha subjetividade em direção a esse outro. Novas complexidades efêmeras vão reconfigurando-se nesses processos. Nesse

¹ Os trechos do “Opinions et pensées” aqui reproduzidos têm tradução própria.

jogo das semelhanças, sujeito e mundo embaralham-se e reconfiguram-se através dessa instabilidade.

Nesses novos gestos, também os territórios da informação, do conhecimento, da arte, da técnica, dos saberes e das práticas vão sendo redefinidos. Antigas distâncias estabelecidas *a priori* entre autores e consumidores, os que olham e os que fazem são também postas em questão, provocando importantes transformações nos modos de sentir e saber na contemporaneidade, como desenvolveremos mais adiante.

E seguimos *embedando* imagens: “As arvores somos nós”, “Para nossa alegria” ou “Porram”². O que faz de um vídeo no *YouTube* ou de uma foto no *Trumblr* um *viral*, um *meme*³? Qual a dimensão de *poiesis*, de criação existe na produção de semelhanças que caracteriza esses *gestos tecnológicos*? Que sentidos têm sido provocados a partir destes artefatos que, em um mesmo gesto, nos permitem olhar para nós mesmos e mostrarmo-nos para o mundo? Seguimos fazendo-nos mundo e fazendo do mundo um *nós*?

Este trabalho pretende problematizar esses *gestos tecnológicos* a partir da intuição de Walter Benjamin (1985, p.108 - 113) sobre a importância de concentrar a atenção “na reprodução dos processos que engendram (...) semelhanças” (*Ibid*, p. 108). O filósofo defende, então, a urgência de se lançar um olhar atento à esfera do semelhante trazendo o foco para a questão da linguagem. Através da problematização da produção de semelhanças que tem nas brincadeiras da infância seu mais intensivo fazer, esse trabalho procurará ainda colocar em questão reconfigurações que vêm se processando na esfera do conhecimento na contemporaneidade e, também, as relações que estabelecemos com as teorias de referência.

Humor e poesia na semelhança

Recentemente, os *Arquivos Walter Benjamin* publicaram, primeiramente em alemão e, agora, também em uma edição francesa em conjunto com o *Musée d’art et d’histoire de Judaïsme*, a transcrição integral de um pequeno caderno, mantido entre 1922 e 1932, no

² Títulos pelos quais são conhecidos vídeos caseiros que circularam amplamente no Brasil.

³ *Meme* é um termo que foi criado por Richard Dawkins a partir da publicação de seu livro *O Gene Egoísta*, em 1976. Conceito bastante controverso, um *meme* é para a memória o análogo ao gene na genética. No contexto da rede de computadores, um *meme* é considerado como uma unidade mínima de memória que se propaga à maneira de um vírus.

qual Benjamin registrou palavras, locuções e histórias que ouviu de seu filho Stefan (1918 – 1972).

Benjamin se referia a esse caderninho como as “Opinions et pensées” de seu filho (SCHWARZ, 2011, p. 105), assim mesmo em francês, reforçando a ironia, pois remetendo a obras de grandes pensadores que registram suas opiniões e pensamentos. Benjamin escreveu a Scholem que pretendia fazer datilografar essas notas e enviar uma cópia para o arquivo do amigo. Nunca chegou a fazê-lo, mas os originais deste caderno de anotações mantido pelo filósofo foram preservados e chegaram, finalmente, a público a partir do *fundo póstumo de Benjamin*.

Apesar de o filósofo conhecer o trabalho de Freud, sua aproximação com o mundo infantil, nesse registro sistemático, se dá como a eloqüente busca de um colecionador de semelhanças. No pequeno caderno, o filósofo registra:

Durante alguns dias (em novembro de 1921), ele (seu filho, Stefan) é tomado pela idéia de imitar os objetos, a sineta de um relógio, a forma de uma pêra se enrolando no chão (BENJAMIN, 2011, p. 120).

O pai lança seu olhar e escuta para perceber o processo engendrado pelo pequeno de produção ativa de semelhanças, “a língua se apresenta a ele toda tecida de semelhanças e correspondências. Um jogo ilimitado de relações se revela na palavra infantil” (SCHWARZ, 2011, p. 106).

Inaugurando, também a partir desse gesto paterno, o exercício de sua sensibilidade para a esfera do semelhante que será sistematizada no texto de 1932 “A Doutrina das Semelhanças”, Benjamin compõe no “Opinions et pensées” um rico panorama de como se relacionam produção de semelhança e produção de conhecimento na perspectiva do pequeno Stefan. Em cada locução, o menino ativamente recompõe o mundo trazendo-o para si através da linguagem praticada. Falar é produzir semelhança, em um mesmo gesto tornando-se semelhante ao mundo e reinventando-o.

Em uma das notas tomadas por Benjamin, possivelmente no ano de 1921, ele registra:

Ele (*Stefan, seu filho*) deve tomar leite quente porque está com tosse. Depois do primeiro gole, ele recusa a bebida: “A língua não quer”. E acrescenta “A língua não está com tosse” (*Ibid*, p. 118).

Nas notas do filósofo, esse pai produz semelhança recriando em letras alinhadas no papel os ditos e pensamentos do filho que por sua vez, em sua *língua* infantil, inventa um mundo seu de semelhanças. Fica claro, aqui, que esse jogo de semelhanças, longe de ser um jogo de cópias é um jogo de criação, de tomada de posição, de afirmação, de reivindicação. Na *língua* desenrolada em notas, o território no qual vão se afirmando,

por um lado, o pensamento complexo de um filósofo e, por outro, o pensamento não menos complexo de um menino inaugurando o mundo.

Nesses registros paternos, entrevemos a íntima aproximação entre produção de semelhança e conhecimento que se constitui a partir da linguagem revelando-se, sobretudo, através de dois atributos presentes ao longo de todo o registro: o humor e a poesia.

A *língua* do pequeno Stefan, recontada por seu pai faz rir e emociona, pois toma a linguagem como matéria de criação estética. O menino, esse “grande fazedor de semelhanças” (Castro, 2009, p. 206) se mostra como *farol* para a idéia de que nossos gestos com os artefatos tecnológicos, como o *YouTube* e outras mídias sociais e suas linguagens híbridas, como o audiovisual, as fotos, entre outras, são tempos de produção de conhecimento através do jogo das semelhanças, como defenderemos mais a diante.

Uma das *chaves* com as quais o menino Stefan, na coleção organizada pelo seu pai, desdobra em semelhanças o seu mundo produzido ativamente é a do humor. Pelo humor, o garoto seduz e reivindica seu lugar no mundo, desafiando-o:

Ele sobe do jardim, toca a campainha, mas tem que esperar por certo tempo. Como em seguida Dora (a mãe de Stefan) abre, ele diz: “Sim, sim, isso é o que acontece aos imbecis. Sim, sim, isso é o que acontece aos imbecis. Primeiro eles são bons e depois eles não abrem” (BENJAMIN, 2011, p. 130).

Nos gestos contemporâneos tantas vezes repetidos de *embedar* vídeos, *curtir posts*, *retuitar* mensagens ou incorporar fotos em um mesmo movimento, infiltram-se as ações de afirmar a compreensão de alguma situação cômica e a de reforçar o seu pertencimento a esta comunidade na qual o humor é possível, ESSE humor. Rir juntos, produzir e reproduzir tiradas cômicas são gestos de uma partilha. Partilha de uma determinada comunidade partilhada e partilha como reivindicação de fazer de si e dos seus uma parte *a parte* do mundo como a única que é capaz de partilhar a graça. E a graça está na instabilidade da linguagem, é ela que faz do seu território o tempo. Só é possível buscar o humor nestes *gestos tecnológicos* repetidos na dimensão temporal na qual se produzem. Não em um tempo cronológico, mas sim em um tempo *Kairós*, da oportunidade e do instante no qual é produzida a esfera do semelhante:

Sua percepção, em todos os casos, dá-se num relampejar. Ela perpassa, veloz, e, embora talvez possa ser recuperada, não pode ser fixada, ao contrário de outras percepções. Ela se oferece ao olhar de modo tão efêmero e transitório como uma constelação de astros (BENJAMIN, 1987, p. 110).

Destrançar com as chaves do humor os territórios herméticos de *virais* e *memes* significa pensar a partir dessa dimensão temporal e efêmera nas quais são produzidos esses nossos *gestos tecnológicos*. Neles, a *mensagem* não está fixa e imutável, ela se desenrola em instantes difusos. Essa dimensão nos remete ao *ciclo inventivo da imagem* desenvolvido pelo filósofo Gilbert Simondon (2008) a partir do qual a imagem (em seu sentido polissêmico) é concebida como um ciclo e não mais como um objeto. Não se trata aqui da tradicional distinção entre imagens materiais e imagens mentais como figuras separadas e independentes, mas como fases de um mesmo ciclo. A última imagem de um ciclo temporal é sempre a primeira imagem do próximo ciclo. *Virais* e *memes* não produzem suas imagens nos *pixels*, *frames* ou *bits* inscritos no programas de computador, mas sim na dimensão temporal, de oportunidades nas quais os praticantes das redes on-line os transmitem, copiam, amplificam. Nessa dimensão temporal que sempre caracteriza um gesto, podemos entrever, fugazes, os sentidos das novas imagens tecnológicas que vão se esmaecer logo em seguida, dando lugar a outros tantos.

Compreender a produção de conhecimento que vem se estabelecendo a partir dos *gestos tecnológicos* de copiar, incorporar, reproduzir, *embedar*, *curtir*, *retuitar* passa por se debruçar sobre a dimensão temporal destes gestos, pois as ocasiões, instantes em que se passam são aquilo que há de mais significativo nesses processos na contemporaneidade, desde que possamos entrever neles a esfera da produção de semelhanças. Ao tematizar a astrologia, como processo arcaico de busca humana de semelhanças entre o universo e o homem, Benjamin (1987, p. 110), escreve:

A percepção das semelhanças, portanto, parece estar vinculada a uma dimensão temporal. A conjunção de dois astros, que só pode ser vista num momento específico, é observada por um terceiro protagonista, o astrólogo. Apesar de toda a precisão de seus instrumentos de observação, o astrônomo não consegue igual resultado.

Na esfera das semelhanças, o sentido é liberado do objeto e lançado no tempo/*Kairós*. Não se trata, aqui, de tentar compreender os processos de comunicação e linguagem a partir da recepção e consumo que são apenas parte dos processos, mas sim de perceber os sentidos na cultura como ciclos. Logo terminado um ciclo de sentido, inicia-se um novo ciclo em um processo permanente.

Olhando para Kim Jong Il olhando coisas

Para tornar mais efetiva a argumentação aqui defendida sobre o aspecto temporal, a reconfiguração das questões de autoria e a recomposição dos territórios da arte, técnica e conhecimento que vêm marcando a experiência de novos *gestos tecnológicos* na contemporaneidade, trazemos para a *conversa* a experiência do *Trumblr blog* intitulado “Kim Jong Il looking at things”⁴.

“Kim Jong Il Looking at Things” é um *blog* centrado nas fotos na plataforma *Trumblr* criado em outubro de 2010 por João Rocha que é o diretor artístico de uma agência de publicidade de Lisboa.

A partir desta data e até pouco tempo após a morte do ditador norte-coreano Kim Jong Il, João Rocha postou com regularidade uma série de fotografias produzidas pela agência oficial de propaganda da Coreia do Norte. Em todas essas imagens, é visto o ditador norte-coreano olhando para as mais variadas coisas durante suas visitas oficiais. Tiradas de seu contexto original de propaganda governamental e reunidas no *blog* as imagens são acompanhadas de breves legendas que apenas reforçam o que podemos ver nas imagens: “*Kim Jong Il looking at a book*”, “*looking at a chocolate*”, “*looking at a computer mouse*”, “*looking at a radish*”⁵, e assim sucessivamente.

A reunião das fotos no *blog* denuncia uma grande coerência visual: o ditador norte-coreano é sempre retratado em *contra-plongê*, ângulo que minimiza a sua baixa estatura e torna sua imagem, de certa maneira, mais *heróica*, ele está sempre favorecido pela iluminação, vem cercado por seu estado maior e colaboradores que dirigem seus olhares para a figura central do ditador, os membros de sua comitiva carregam, com frequência, um caderno de notas, prontos a anotar os pensamentos e ordens de seu governante _ afinal, um ditador está sempre pronto a *ditar* _ muitos deles estendem a mão em um gesto de oferenda, através do qual consagram as riquezas da nação ao olhar do seu líder maior. Assim reunidas e deslocadas de seu contexto original as imagens provocam em seus consumidores um poderoso efeito de denúncia dos mecanismos de propaganda.

As pequenas legendas literais que acompanham as fotos reforçam a característica de humor que assumem estas imagens assim reunidas: Kim Jong Il mantém quase sempre a mesma expressão ao olhar *objetos* tão diferentes como pepinos, sutiãs femininos, alimentos ou trabalhadores em uma fábrica.

⁴ Literalmente: “Kim Jong Il olhando para as coisas”. Disponível em: <<http://kimjongillookingatthings.tumblr.com/>>. Acesso em 24 de outubro de 2013.

⁵ Literalmente: “Kim Jong Il olhando para um livro”, “Olhando para um chocolate”, “Olhando para um *mouse* de computador”, “Olhando para um rabanete”.

Nos últimos anos, “Kim Jong Il Looking at Things” tornou-se um avassalador sucesso na rede, primeiramente junto á comunidade do *Trumblr*, em seguida, suas imagens foram copiadas e distribuídas pelos praticantes de outras comunidades na rede como o *Facebook* ou o *Twitter*.

O fotógrafo e ensaísta Born (2012, p. 164) registra que dois meses após o lançamento do *blog*, o *Google Tendences* revelou um espetacular crescimento nas buscas das palavras chaves “Kim Jong Il looking at things”. As imagens associadas ao *blog* foram exaustivamente reproduzidas na rede, sobretudo nos Estados Unidos e na Europa. Outros *blogs* surgiram registrando ditadores e figuras históricas olhando para coisas como, por exemplo, “Adolf Hitler looking at things”⁶ ou “Nicolas Sarkozy looking at things”⁷.

O *blog* havia se tornado um *viral* para finalmente, em 2012, ter suas imagens e legendas publicadas em um livro de arte, em uma coleção que interroga os novos caminhos da fotografia na contemporaneidade (ROCHA, 2012).

Em um contexto internacional no qual a Coréia do Norte representa uma ameaça à região, praticantes da rede especialmente nos Estados Unidos e Europa fazem do gesto de olhar Kim Jong Il olhar as coisas uma tomada de posição. Os habitantes das nações mais ricas do globo reivindicam o direito de olhar e rir do *outro* encarnado aqui em um dos governantes do chamado “eixo do mal”, denominação que já aparecia nos discursos de George Bush, durante seu governo.

Onde situar a potência enquanto discurso de verdade na experiência “Kim Jong Il Looking at Things”? Quem seria o autor da experiência? Seriam seus autores os fotógrafos anônimos da agência de notícia norte-coreana, o *blogueiro* português ou a massa que transformou a experiência em um *viral*? Qual a importância em considerar a experiência em seu aspecto temporal, cíclico, manifesto na oportunidade que as pessoas encontraram em tornar essas imagens semelhantes a seus próprios discursos, republicando-as, tornando-as livro de arte e, agora mesmo, reivindicando-as como objeto de um texto acadêmico? Onde situar a potência expressiva de tais imagens que fazem o pensamento transitar entre os territórios da arte, da técnica e do conhecimento? E finalmente, porque essas imagens nos fazem rir? Porque produzem em nós uma

⁶ Literalmente: “Adolf Hitler olhando para as coisas”. Disponível em: <<http://adolfhiterlookingatthings.tumblr.com/>>. Acesso em 24 de outubro de 2013.

⁷ Literalmente: “Nicolas Sarkozy olhando para as coisas”. Disponível em: <<http://nicolassarkozylookingatthings.tumblr.com/>>. Acesso em 24 de outubro de 2013.

irresistível vontade de comunicá-las? De que modos são semelhantes a nós em sua representação eloqüente do poder ditatorial e autocrático?

Segundo Marco Born (2012, p. 186) sua potência expressiva não está na técnica do fotógrafo ou na rapidez com eram publicadas no blog, mas sim

na emergência do *meme* e de projetos como “Kim Jong Il looking at things” que são profundamente ancorados nessa nova dinâmica das imagens partilhadas, amadas, difundidas, recomendadas, comentadas, votadas, curtidas, configuradas pelo desvio da internet e das mídias sociais. Essa dimensão coletiva do *meme* coloca claramente o acento, não mais somente no produtor, mas no consumidor da fotografia.

São então, os processos e ciclos de produção de semelhança, para retomar a categoria proposta por Walter Benjamin, que vêm caracterizando as experiências com a arte, a técnica e o conhecimento na contemporaneidade. Nessas experiências, somos, a um só tempo, produtores e consumidores ou, para ter maior precisão, não são mais as antigas categorias de produtores e consumidores que irão nos ajudar a pensar a partir das experiências destes novos *gestos tecnológicos* difusos no tempo.

Um astrólogo na rede

Quais os sentidos de tentar produzir teoria, na contemporaneidade, a partir da experiência viral de um *blog* entrelaçada ao pensamento de um filósofo que não experimentou as possibilidades de *gestos tecnológicos* introduzidos na cultura pela experiência do digital em rede como Walter Benjamin? O que nos leva a escolher autores de referência? O que significa buscarmos na vasta obra de alguém aspectos que escolhemos compartilhar? Como identificar práticas culturais em um contexto como o da cibercultura no qual as experiências expressivas, carregadas de subjetividades e temporalidades, não se caracterizam mais como objetos, mas sim como processos e como ciclos?

Em “Sobre um Programa para uma Filosofia Vindoura” de 1918, texto de juventude, Walter Benjamin

apresenta seu projeto como a construção de uma filosofia da experiência. Sustentando a manutenção da relação entre conhecimento e experiência, estabelecida por Kant, a *filosofia por vir* deve operar um alargamento do conceito Kantiano de experiência, limitado à base das intuições sensíveis, e incluir também o domínio do espiritual que tem sua morada na língua (CASTRO, 2009, p.206).

Esse domínio do espiritual ao qual se refere a autora pode ser percebido na obra de Walter Benjamin, especialmente no “Opinions et pensées” também através do jogo que a linguagem estabelece nas notas tomadas por um pai que escuta, seleciona e registra toda a poesia (de *poiesis*, *ποίησις*, ato de fazer, criação) das elucubrações infantis:

Agarrar uma história. Ele (*Stefan*) procura no peito de Dora (*a mãe do menino*), pega “alguma coisa” e a coloca na boca da mãe. Ela deve engolir e, então, contar uma história para ele. Esse jogo comporta inúmeras variações (BENJAMIN, 2011, p. 115).

Há algo nestas notas que não pode ser propriamente explicado, mas que se mostra e se *escancara* porque é linguagem. Para além da dimensão de partilhar o afeto da intimidade em família, as notas do “Opinions et pensées” infiltram nos seus leitores contemporâneos os momentos da produção da brincadeira infantil, aqueles de um pai filósofo que as anota e preserva, aqueles de uma equipe editorial e de pesquisadores que as publica abrindo possibilidades para que continuemos a pensar e nos emocionar através delas.

Nossa relação com a chamada *teoria* pode, então, ser compreendida também como prática de produção de semelhança. Quando produzimos nosso pensamento entrelaçado com outros, o fazemos imersos nos tempos flutuantes das culturas e das linguagens, porque há, nas formas que estabelecemos a partir da *teoria*, apropriações, incorporações, reivindicações e tomadas de posição. Gestos *piratas* não inteiramente distantes daqueles de *embedar*, *retuitar*, *curtir* etc. Estabelecemos a partilha de uma determinada comunidade que reivindica fazer seu e dos seus uma parte do mundo. Produzimos conhecimento em um gesto espiritual, pois

As semelhanças percebidas conscientemente _ por exemplo, nos rostos _ em comparação com as incontáveis semelhanças das quais não temos consciência, ou que não são percebidas de todo, são como a pequena ponta do *iceberg*, visível na superfície do mar, em comparação com a poderosa massa submarina (BENJAMIN, 1987, p.109).

As novas expressões que estamos criando a partir das práticas com tantos artefatos tecnológicos não vêm ampliando o corpo humano como próteses, como defendem alguns autores, vêm ampliando *a alma do mundo*, através do jogo das semelhas entre sujeitos e objetos e através da necessária crítica ao pensamento moderno que se estabelece a partir da dicotomia entre sujeito e objeto.

Com a ideia de uma *alma do mundo*, aqui, ao contrário de reafirmar a dicotomia entre corpo e alma, material e imaterial, pretendemos reafirmar a dimensão *espiritual* e,

portanto, múltipla, intraduzível e rebelde a qualquer tentativa redutora de explicação com a qual buscamos compreender a cultura e a linguagem.

Referências

ADOLF Hitler Looking at things. Tumblr Blog. Disponível em:

<<http://adolfhitlerlookingatthings.tumblr.com/>>. Acesso em 24 de outubro de 2013.

AMMANN, Matthias. *Facebook, eu curto: uma análise mimética das redes sociais digitais*. 2011. 98 p. Dissertação (Mestrado em Educação e Comunicação) - Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

BENJAMIN, Walter. A doutrina das semelhanças. In: *Obras escolhidas. Vol. I – magia e técnica, arte e política*. 3.ed.São Paulo: Brasiliense, 1987, p.108 – 113.

_____. Opinions et pensées _ Mots et locutions du fils. In: *Walter Benjamin. Archives*. Péronnas: Klincksieck, 2011, p. 110 – 147.

_____. Sur le programme de la philosophie qui vient. In: *Walter Benjamin. Oeuvres I*. Saint-Amand: Gallimard, 2000 , p. 179 – 197.

BOHR, Marco. Regarder Kim Jong Il regarder des choses. In: ROCHA, João. *Kim Jong Il looking at things*. Lituânia: Jean Boîte Éditons, 2012, p. 162 - 187.

BUCK-MORSS, Susan. *Walter Benjamin: entre moda acadêmica e Avant-garde*.

Disponível em: <http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/A_Buck-Morss.pdf>

Acesso em: 1 mar. 2013.

CASTRO, Cláudia Maria. A arte de caçar borboletas. In: JOBIM e SOUZA, Solange e KRAMER, Sonia (Org.) *Política, cidade, educação: itinerários de Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009, p. 205 - 217.

KASTRUP, Virginia; CARIJÓ, Filipe Herkenhoff; ALMEIDA, Maria Clara de. O ciclo inventivo da imagem. In: *Informática na Educação: teoria e prática*. V.15, n.1. Porto alegre: UFRGS, 2012. Disponível em:

<<http://seer.ufrgs.br/InfEducTeoriaPratica/article/view/29086>> Acesso em: 1 mar. 2013.

KIM Jong Il Looking at things. Tumblr Blog. Disponível em:

<<http://kimjongillookingatthings.tumblr.com/>>. Acesso em 24 de outubro de 2013.

KOHAN, Walter. A infância da educação: o conceito devir-criança. Disponível em:

<<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0184.html>>. Acesso em 06/03/2012

NICOLAS Sarkozy lookins at things. Disponível em:

<<http://nicolassarkozylookingatthings.tumblr.com/>>. Acesso em 24 de outubro de 2013.

PEREIRA, Rita Marisa Ribes. Uma história cultural dos brinquedos. In: *Revista Teias*. V. 10. N. 20. 2009. Disponível em: <[http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php?journal=revistateias&page=article&op=viewFile&path\[\]=444&path\[\]=388](http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php?journal=revistateias&page=article&op=viewFile&path[]=444&path[]=388)>. Acesso em: 1 mar. 2013.

ROCHA, João. Kim Jong Il looking at things. Lituânia: Jean Boîte Éditons, 2012.

SCHWARZ, Gudrun. Présentation Opinions et pensées _ Mots et locutions du fils. In: BENJAMIN, Walter. *Walter Benjamin. Archives*. Péronnas: Klincksieck, 2011, p. 105 – 107.

SIMONDON, Gilbert. *Imagination et Invention* (1965-1966). Chatou: Les Éditons de La Transparence, 2008.